

AS ESCRITAS DE CLIO: LITERATURA E MODERNIZAÇÃO DA CIDADE DE TERESINA, NAS DUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Pedro Pio Fontineles Filho¹

Resumo: O processo de modernização desperta uma série de discursos e representações acerca das transformações na cidade e no cotidiano da população. A cidade torna-se ponto de confluência de diferentes formas de conceber e de sentir os espaços, visto que os traçados urbanos agregam múltiplas sociabilidades. Nesse sentido, o presente estudo faz uma breve discussão acerca das aproximações e limiares entre história e literatura, no intuito de analisar as possibilidades de percepção da literatura como substrato da pesquisa histórica. Este trabalho dedica-se ao estudo das formas de sentir e de pensar oriundas dos olhares dos poetas e cronistas que vivenciaram as transformações da capital piauiense em fins do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, refletindo sobre os efeitos da modernização nos espaços urbanos. Os escritos literários expressam a diversidade discursiva, pois demonstram sutilezas, ironias, paixões, desencantos e resistências acerca do turbilhão de transformações pelas quais a capital piauiense passava. A literatura mostra, nesse sentido, a constituição de memórias, sentimentos e conflitos sobre a modernização da cidade de Teresina, a partir das diferentes maneiras de sociabilidades desencadeadas pelos ideais modernizadores.

Palavras- Chave: História. Cidade. Modernização. Literatura.

Abstract: The modernization process provokes a series of speeches and representations about the changes in the city and in the daily of the population. Thus, this study discusses about the approach and relations between history and literature, intending to notice the possibilities of perception of the literature as source of the historical research. This paperwork studies the ways of feeling and thinking the modernity of poets and chroniclers who lived such changes in the end of the XIX century and in the two first decades of the XX century, thinking of the effects of the modernization in the urban spaces. The literary writings express the speech diversity, because they demonstrate subtlety, ironies, passions, disillusionment and resistances about the several changes faced by the piauiense capital. The literary writings express the speech diversity, because they show subtleties, ironies, passions, disenchantment and resistances about this theme. The literature shows, this way, the constitution of memories, feelings and conflicts about the modernization of the Teresina city, as well as the ways of sociabilities created by the modernization ideas.

Key-words: History. City. Modernization. Literature.

Introdução

Expectativas, anseios, projeções, euforia e medo. Esses e outros sentimentos povoavam o imaginário da população teresinense de fins do século XIX e primeiras décadas do XX. Muito desse mosaico de sensações justifica-se pelo fato de se estar atravessando as inquietações da passagem de um século a outro e também por se experimentar os primeiros passos de um novo regime político, recém instalado no país. A literatura torna-se uma expressão marcante de fluxo de idealizações acerca das novidades, sobretudo no tocante aos

¹ Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Professor do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual do Piauí – Campus Clóvis Moura.

espaços urbanos e sobre as práticas sociais nela desenvolvidas. Em “Um manicaca”, obra escrita entre 1901 e 1902, Abdias Neves descreve a cidade de Teresina que se despede do século XIX e inicia o século XX sob os auspícios do sonho de modernização. A cidade era só festas. Essa despedida, palmilhada pela euforia, também trazia a lembrança de que a cidade, em fins do século XIX e princípios do seguinte, mesmo diante de “suas lindas conquistas”, ainda reclamava a falta de jardins e por haver poucos lugares para os passeios e o lazer. Teresina irrompia os limiares de um novo século com fortes traços rurais, mas respirava, mesmo que sofregamente, os ares da vida moderna. Dessa maneira, a cidade é representada por diversos ângulos, pois “todos vivem de maneiras diferentes a mesma experiência, concentrada no mesmo setor do espaço público e no mesmo intervalo de tempo” (SEVCENKO, 2000, p. 28). Isso implica dizer que há uma fragmentação das percepções, alicerçada pelas discontinuidades acerca do tempo e do espaço. Os literatos catalisam as apreensões de sua época, pois potencializam os murmúrios das vozes da cidade. As imagens da cidade de Teresina, produzidas pela literatura, simbolizam as projeções culturais da própria sociedade, que passava por um processo de exacerbação conflituosa das transformações e manutenção dos valores. A “cidade verde”², em decorrência dos deslizamentos semânticos, confundir-se-ia com a cidade rural. Nesse ínterim, os “traços rurais” eram destacados nos discursos que ora buscavam a aceleração das transformações da cidade, ora questionavam os impactos da modernização não somente nos espaços físicos, mas também no cotidiano dos cidadãos. O “rural” assume, para os que desconfiavam dos projetos modernizadores, o papel de esfera imaginária e flutuante para o refúgio das tradições e dos costumes. Traços rurais e traços urbanos subsidiam as reflexões sobre as relações entre o campo e a cidade. Na vivência e nas experiências humanas, tal relação é comumente marcada pela cristalização de significados. Nesse diapasão, o campo seria caracterizado “como lugar de atraso, ignorância e limitação”, ao passo que a cidade é apreendida como lugar “de saber, comunicações, luz” (WILLIAMS, 1990, p. 11). No entanto, o que dizer de cidades como Teresina que em princípios do século XX já dispunha de vários elementos da vida moderna, mas ao mesmo tempo ainda deixava transparecer os seus véus de Chapada do Corisco³? Deve-se compreender que a cidade e o campo têm sua relação atravessada pelo movimento e pela

² Na noite do dia 28 de junho de 1899 o Teatro 4 de setembro foi palco de um momento que marcaria a história da capital. Chegou a Teresina o escritor Coelho Neto. Foi recebido com pomposa festividade. Foi recebido com almoço e discurso proferido por Higinio Cunha. À noite houve grande baile no Teatro e foi em sua visita pelas ruas da cidade que Coelho Neto batizou Teresina de Cidade Verde.

³ Lugar no qual a cidade de Teresina foi iniciada, pelo presidente do Piauí, o baiano José Antônio Saraiva. O local era assim denominado em virtude das grandes trovoadas e freqüentes faíscas elétricas que caíam na cidade, especialmente na época invernal.

mobilidade. Isso significa dizer que a cidade penetra e influencia o campo ao mesmo tempo em que o campo também invade a cidade. Esse movimento apresenta ritmos e alcances diferenciados, bem como são diferenciados os olhares sobre a cidade e o seu processo de modernização. O campo estaria ligado a aspectos naturais enquanto que a cidade seria o domínio sobre a natureza para a construção de uma “segunda natureza”. A cidade apresentase como o palco para o desfile das fantasias dos indivíduos. Os sonhos e as perspectivas de uma nova realidade contagiam o imaginário das pessoas que vivem a cidade. A projeção da cidade como lugar do progresso levou Clodoaldo Freitas, em princípios do século XX a questionar: “Será, como se tem afirmado, uma verdade incontestável a lei do progresso?” (FREITAS, 1996, p. 39).

A cidade de Teresina dos anos de 1900 é aquela cuja população se aglomera nos bancos da Igreja, para festejar a padroeira da cidade, Nossa Senhora do Amparo. É a cidade que ainda não conhecia luz elétrica e as pessoas tinham o seu percurso iluminado pelos lampiões. Àquela época era comum a figura do acendedor de lampiões que corria pelas ruas da cidade carregando ao ombro sua escadinha. É uma cidade cujas imagens são pintadas pelo olhar dos literatos, que vivem, experimentam e sentem a cidade em meio aos seus diferentes ritmos e alcances da modernização. Tal olhar apresenta “a literatura como função existencial, a busca da leveza como reação ao peso do viver” (CALVINO, 1990, p. 39). A literatura torna-se, então, um guia para Clio, em seu passeio pela cidade. Passeio leve e sutil, sem o peso geralmente atribuído à musa da história. Dessa maneira, história e literatura, lado a lado, (re) visitam Teresina. A aproximação com a literatura para o entendimento do fenômeno da modernização tem uma prática recorrente entre vários historiadores. Retomado e intensificado na passagem entre os séculos XIX e XX, o discurso modernizador favorece a idéia de Teresina como palco da modernidade no Piauí, espaço de atração novo e de sua propagação por todo o Estado, em suma, a marca da sedução da modernidade sobre o Piauí. Segundo Teresinha Queiroz, diferentemente do que geralmente acontecia com os bailes – que eram alvos freqüentes de críticas por parte daqueles que defendiam as tradições culturais de maneira mais conservadora – deleitar-se com a música, com as letras e com a poesia era sinônimo de civilidade, cultura e refinamento. Era, de certa maneira, um indicativo de distinção social. É essa sociedade – ainda arraigada nas tradições, nos princípios de moralidade, no forte espírito religioso e vivendo em uma cidade com marcantes traços rurais – que os projetos de modernização seriam sentidos e representados. Os bailes e a música estavam interligados com as práticas e as expressões corporais e comportamentais da época. Os gestos, o falar e o próprio dançar causavam estarrecimento aos olhares dos mais

conservadores, em geral ligados aos princípios religiosos católicos. Nesse aspecto, dizia-se que

As danças de hoje perderam a feição religiosa. Só por entre os selvagens poderemos encontrar o primitivo traço, casando-se o áspero canto de guerra à rudez dos instrumentos de música, em evoluções fortes e impressionantes, exageradas pela vivacidade da mímica, não se percebendo bem os limites do apelo às potências sobrenaturais das implacáveis ameaças contra o inimigo (MARTINS, 1920, p. 44).

Elias Martins fala, também, que as operetas seriam manifestações pagãs e que teriam espalhado as modas das valsas e das polkas. Os bailes estariam repletos de jovens vagando com suas danças frenéticas e provocantes. A crítica aos bailes, à música e à dança, portanto, constituía-se na crítica ao que eles representam: uma sociedade com práticas sociais enraizadas nas tradições e distantes da sofisticação que o estilo de vida moderna propunha.

Modernização de Teresina nas duas primeiras décadas do fremente século XX

Esse “espetáculo” de transformações despertava diferentes formas de sentir e representar a cidade. A cidade parecia brotar sempre nova mediante cada descoberta, o que não era visto de forma unilateral e homogênea. A modernização em Teresina vai despertar um vasto leque de discursos, que transitam entre a admiração e o medo. Nesses momentos iniciais do século XX, os literatos eram figuras presentes no tocante às formas de ver a cidade e a sua modernização. Nesse sentido, os cronistas expressavam-se seus desejos e angústias, exigindo mudanças e propondo que a cidade saísse de seu atraso de “caranguejo”. As Crônicas que propunham o desejo de mudança eram reflexão cativa nos escritos dos literatos, que eram enfáticos e diretos:

Creio bom leitor, que já é tempo de Teresina salientar com qualquer melhoramento para distração, mas não ocorre, é como caranguejo [...] Não sei leitor até quando continuaremos insípidos. Precisamos de um jardim ou passeio público e com brevidade (Na cidade. A *Palavra*, 01 jun. 1902, p. 10).

O confronto discursivo permite perceber o quão plurais e diversas são as formas de sentir a modernização da cidade. A cidade, dessa maneira, também se pluraliza, pois à medida que é vista ou imaginada de diferentes formas constrói memórias distintas, sem haver a “verdadeira” cidade, pois cada cidade representada é fruto do sentimento de pertencimento daqueles que sobre ela falam. A cidade de Teresina que se amotina em grupos ao som da banda da polícia em festejos nas praças é a cidade que também presenciava a violência dos incêndios das casas mais humildes da cidade. Com os incêndios, os murmúrios não são os

mesmos que eram com os desembarques dos barcos. Com os incêndios, a cidade fragmenta-se e apresenta circunstâncias diferentes no seio de uma mesma configuração histórica. O poema “O incêndio”⁴, de Lucídio Freitas figura bem esse acontecimento:

O ar queima, o vento queima, a terra queima e abrasa.
Ondas rubras de Sol batem fortes na areia...
No espaço nem sequer um leve ruflo de asa,
Passa aos beijos do Sol que fustiga e esbraseia.

Fogo de um lado e de outro e o vento o incêndio ateia,
Da planície a fazer vasto lençol de brasa;
E o fogo sobe e desce, e volta, e mais se alteia,
E abraça e beija, e morde a ossatura da casa.

(FREITAS, Lucídio. *Alexandrinos*, 1912).

O poema “O incêndio” é indicativo de uma realidade de difíceis condições de moradia na cidade de Teresina na primeira década do século XX. O texto possui uma narrativa que, por meio da memória do autor, denuncia a miséria das habitações que salpicavam as ruas da cidade. Teresinha Queiroz (1998), citando Caio Lima, cronista da época, destaca que a miséria era vista como um ponto negativo à cidade que se pretendia moderna. Dessa maneira, pode-se dizer que a cidade estava marcada pelas desigualdades, pois casarios de telhas dividiam espaço com os inúmeros casebres de palha. Isso era motivo suficiente para tornar Teresina, no olhar da escrita deste cronista, uma “curiosa cidade”. Segundo Teresinha Queiroz, ainda se utilizando das crônicas de Caio Lima, a cidade estava caracterizada como a “cidade curiosa”, pois era significativo o número de pedintes à porta dos mais afortunados. A imprensa dos primeiros anos do século XX defendia, ou pelo menos ventilava, a necessidade da criação dos Asilos de Loucos e de Mendicidade. Isso endossava os discursos da “limpeza social”, para tirar das ruas da cidade os mendigos. Assim como em São Paulo, cujos discursos oficiais faziam referências a monumentos como símbolos da grandeza da cidade, no Piauí o repertório discursivo, dentre outros elementos, girava em torno de grandes obras como a estrada de ferro, cuja concretização foi fragmentária e deficiente. A estrada de ferro assumiu o papel de baluarte do progresso e do estreitamento dos laços da cidade de Teresina com outras cidades do Estado e de outros estados. Tais discursos geralmente exprimiam a confiança de que o sonho não iria “descarrilar” e que o progresso estava engatilhado. Essa tentativa de “universalizar” os desejos modernos dava-se pelo fato recorrente de que o progresso era experimentado de formas diversas, visto que seus alcances, e sua efetivação, insistiam em permanecer nos projetos. Em decorrência disso, discursos que questionavam a validade e a

⁴ Poema reproduzido em BRASIL, Assis (org.). *A poesia piauiense no Século XX*: antologia. Rio de Janeiro: Imago; Teresina: FCMC, 1995, p. 87.

expansão dos tão propagados “melhoramentos” eram também disseminados. Eram discursos que transitavam entre o medo e a recusa, como destaca Jônatas Batista:

Vamos vivendo com o nosso atraso, e só assim podemos viver tranqüilos, em perfeita calma, no mais absoluto sossego.
Viva o nosso atraso, a nossa primitividade, o nosso costume, nada de progresso (BATISTA, 1985, p.118).

Na fala de Jônatas Batista está presente um tom de ironia e sarcasmo, fazendo ressaltar os contrastes entre o discurso oficial, que defendia uma efetivação – mesmo que futura – de diversos projetos de melhoramentos urbanos, e as percepções que os literatos viam sobre as não realizações de tais projetos. O trecho citado ressalta que a Teresina da década de 1910 – quando o texto foi publicado na revista *Alvorada* – era uma cidade que não dispunha dos melhoramentos noticiados e ecoados nas outras cidades de outros estados do país. Se não havia progresso, não havia os “distúrbios” que com ele eram originados. Dessa maneira, as pessoas da cidade podiam se apegar aos seus valores e costumes tradicionais. Isso faz lembrar a postura adotada por Marco pólo ao visitar a cidade de Isaura. Em consonância com o que afirma Calvino (1990), essa cidade avançava com a cabeça voltada para trás para ver o que estava às suas costas. Em reforço a essa percepção, havia aqueles que ao se referirem à cidade de Teresina ainda viam a cidade em seus aspectos negativos. No trecho a seguir, retirado da revista *Litericultura*, de 1º de janeiro de 1912, o autor, que assina como Antonio e escreve de São Paulo, assim se refere à cidade:

A nossa querida capital está situada no centro de uma chapada triste, áspera e monótona, sem um monte a emoldurar-lhe os horizontes, sem um vale ou bosque a mitigar-lhe a atmosfera fulminante. Sob a abóboda desse castíssimo firmamento desnudado, como impiedosa antítese reside uma população em geral raquítica e de estatura abaixo da média (*Litericultura*, 01 jan. 1912, p. 38).

Nessa passagem citada, o filho da terra está em outras terras e está respondendo a carta de um amigo, que lhe pede para falar sobre a cidade de Teresina. O autor do texto diz que a “querida capital” possui poucos atrativos e isso refletiria na própria população, que também estaria apática e pouco motivada para a melhoria de vida na e da cidade. A antítese, evidenciada pelo autor, entre a beleza do firmamento da cidade e a baixa estatura do piauiense, traz em si uma demonstração de uma população subnutrida que se tornara raquítica se comparada às pessoas de outras cidades do Brasil. Dessa maneira, a capital piauiense teria se tornado o lugar das lembranças e das saudades, o que abre espaço para o aspecto de que as memórias construídas sobre a cidade transcendem o aspecto da modernização em si, mas

remetem aos sentimentos de pertencimento. Lucídio Freitas é um bom exemplo desse apego à cidade, ao dizer:

Teresina apagou-se na distância,
Ficou, longe de mim, adormecida,
Guardando a alma do sol de minha infância
E o minuto melhor da minha vida...

A saudade me aterra...
E que vontade eu sinto de chorar,
Distante do meu lar,
Vendo outro céu, vendo outro sol, vendo outra gente,
Tão diferente
Da gente boa lá da minha terra!

(FREITAS, Lucídio. *Minha Terra*. 1921).⁵

Para Lucídio, a cidade é bem mais que o aspecto material, pois Teresina é o lugar de um céu, de um sol e de uma gente que a tornam sua “terra”. Sua imagem sobre a cidade está vinculada ao sentido de pertencimento, seria o “minuto melhor” da vida do poeta. O “fazer” ou “não fazer” parte de uma cidade não se daria somente pela presença do indivíduo no espaço em si, mas perpassa pela escolha de se tornar membro da cidade. Em Teresina, os ideais de modernização e de uma vida moderna também eram questionados pelos dissabores que poderiam proporcionar para a maioria da população. Exemplo dessa reflexão pode ser percebido no artigo “A hygiene na cidade e no campo”, publicado na revista *Litericultura*, em 30 de setembro de 1913. O teor do texto extrapola a discussão da saúde pública, como sugere o título. De fato o que vai ser apresentado com maior ênfase no artigo são reflexões acerca do impacto das transformações da “civilização moderna” nos costumes e nos valores dos seres humanos. O texto é um conclave à sociedade e uma espécie de alerta sobre os riscos da civilização moderna. O artigo escrito por R. Fernando e Silva fala que a vida moderna tem ceifado a vida de pessoas de maneira acelerada e fremente. As pessoas levariam uma vida muito intensa e com hábitos pouco saudáveis ao corpo e à mente, bem como ao espírito. Denomina a civilização moderna de “mulher venenosa”, cheia de maldades que dilaceram os humanos, denunciando as moléstias que ela gera no mundo. Para Fernando e Silva, a vida de ostentação é o próprio suicídio dos indivíduos, pois

Nós nos suicidamos, levamos, passo a passo, um punhado dos nossos órgãos para a destruição, ora com os excessos de uma ostentação supérflua, ora com a falta de recursos, ora com a vida intensíssima de um labor improficuo, sem methodização e a igualdade (*Litericultura*, 30 set. 1913, p. 23).

⁵ Texto reproduzido em BRASIL, Assis (Org.). *A poesia piauiense no Século XX*: antologia. Rio de Janeiro: Imago; Teresina: FCMC, 1995, p. 90.

O soerguimento da cidade por meio de seus projetos de modernização e de civilidade, com suas “faces incongruentes, seus ritmos desconexos, sua escala extra-humana e seu tempo e espaço fragmentários” (SEVCENKO, 2000, p. 40), promoveu o estranhamento de gerações em relação aos traços culturais cristalizados na sociedade. A mocidade estaria vivendo em um tempo cujas experiências e desejos são muito mais impulsionados pela vivência do presente, sem o peso enrijecido do passado e das amarras das promessas do futuro. Esse “mal-estar” promovido pelas inovações criou uma esfera na qual conviviam experiências e temporalidades divergentes e contraditórias, lançando olhares dicotômicos uns sobre os outros. A juventude, no turbilhão de transformações, tem menos propensão a se apegar às reminiscências de uma tradição cultural, daí essa juventude ser alvo dos comentários ásperos dos mais moralistas. O cinema, que em certa medida era visto como mais um elemento da modernização da cidade de Teresina, teve ressonâncias na vida e no cotidiano da sociedade. A desestruturação familiar é salientada pelos mais conservadores como Elias Martins. Os mais jovens pareciam se deixar capturar mais facilmente pelos encantos dos filmes e acabavam por mudar suas rotinas e as suas prioridades. Isso interferia diretamente até nos estudos, visto que

São de aborrecimento e canção as horas do estudo, não atráe a beleza dos livros, insípidos companheiros, nem mesmo os doces brincos do lar; as exaltadas cabecinhas, em surtos de fogo, estão a reproduzir as iluminações da tela, passando e repassando palpitantes cenas, na deleitosa variedade das cálidas sensações (MARTINS, 1920, p. 27).

Para Elias Martins, as “iluminações da tela” contribuía para o obscurecimento do respeito da juventude aos estudos, fortalecendo a inaceitável situação do analfabetismo e dos baixos índices educacionais. Os jovens estariam reproduzindo a vida boêmia e de prazeres que era exibida nas telas. O caráter “erosivo” do cinema, como denominava Elias Martins, denegriam as bases da sociedade sob o véu do discurso da modernidade e civilidade dos costumes.

Considerações

Nesse sentido, pode-se perceber que o fenômeno da modernização e o ideal de uma “civilização moderna” não eram apreendidos e sentidos da mesma maneira. Alguns percebiam suas conquistas, outros denunciavam os males e dores que ela provocava. Essa diversidade na percepção da modernidade configura-se em função da pluralidade de desejos, angústias e interesses que os sujeitos têm sobre seu tempo e seu espaço. Vale à pena ressaltar que a

memória situada no tempo e no espaço faz com que as lembranças do indivíduo estejam muito mais atreladas a determinadas experiências de sua vida e seus valores. Isso explica o caráter da memória individual, ou melhor, autobiográfica dos literatos, pois tal memória, conforme Halbwachs (2006), não está isolada e o indivíduo recorre a lembranças ligadas à sociedade.

As maneiras pelas quais a cidade é representada e sua relação na constituição de memórias transcende uma temporalidade fixada. O processo modernizador da cidade vai assumindo dinâmicas diferentes, pois os condicionamentos sociais, políticos e culturais vão assumindo especificidades de cada tempo, o que faz com que os literatos falem da cidade a partir de suas memórias, tentando construir outras memórias por meio da coletivização de seus textos. Nesse diapasão, a cidade é lida e (re) escrita por diferentes escritores que usam e experimentam o espaço urbano de diferentes maneiras, atribuindo significados vários à cidade. A cidade, por esse viés, pode ser vislumbrada pela literatura que permite entender o espaço urbano por meio das “variações entre as representações literárias e as realidades sociais que elas representam” (CHARTIER, 2002, p. 259). Dessa maneira, a literatura permite perceber a cidade em diferentes momentos e por diferentes olhares. Olhares esses que estão carregados de memórias que são socialmente localizadas. Os discursos desses literatos devem ser entendidos tanto do lugar de onde falam como o lugar de endereçamento. A cidade que surge a partir do olhar de cada literato abre espaço para a visualização de inúmeras cidades que se confrontam e também se complementam. As memórias da cidade pela perspectiva da literatura é um arcabouço a mais para o entendimento de como a cidade é sentida em temporalidades e espacialidades diferentes. As vozes da literatura permitiram ouvir os sussurros que ecoavam da modernização da cidade de Teresina. Sussurros que representavam sentimentos vários, que transitavam entre a fé no futuro, a esperança no progresso e o estranhamento e a desconfiança. Essa configuração histórica, palco das transformações e seus conflitos, foi marca constante na modernização em Teresina, pois “todo raio de esperança vem sempre ligado a uma nuvem” (WEBER, 1989, p. 295). E é sobre essa nuvem que o olhar do historiador se volta, para perceber não somente o que está claro, mas também, o que está obscuro.

Referências

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. *Cotidiano e Pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914)*. Teresina: FCMC, 1995.
- BATISTA, Jônatas. *Poesia e Prosa*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.
- BRASIL, Assis (Org.). *A poesia piauiense no Século XX: antologia*. Rio de Janeiro: Imago; Teresina: FCMC, 1995.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. 2. ed. Teresina: FCMC, 2005.
- COSTA, F. A. Pereira da. *Cronologia histórica do Estado do Piauí: desde os seus tempos primitivos até a proclamação da república*.
- FREITAS, Clodoaldo. *História de Teresina*. Teresina: FCMC, 1988.
- HALBWACKS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- MARTINS, Elias. *Fitas*. Teresina: Tipografia do Jornal de Notícias, 1920.
- QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a república: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. 2. ed. Teresina: EDUFPI; João Pessoa: EDUFPB, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático – São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

REVISTAS

- PIAUI. Revista *Litericultura*. Ano I, Therezina, 01. 01. 1912.
- PIAUI. Revista *Litericultura*. Ano II, Therezina, 30. 10. 1913.

JORNAL

- NA CIDADE. A Palavra. Ano I, nº 03. Therezina. 01. 06. 1902.